



Áridas memórias: seca, tempo e história no sertão de Pernambuco

Renan Martins Pereira¹

Resumo

Segundo uma certa tradição do pensamento social brasileiro, a história do sertão é uma história de secas e flagelos. A velocidade com que publicações, estudos e intervenções estatais se avolumaram do final do século XIX até os dias de hoje revela, com efeito, um espectro de pensamentos e de ações voltadas ao combate do assim chamado ‘problema da seca’. Essa imaginação intelectual esconde, entretanto, as particularidades das relações com as secas no mundo da experiência. Nesse sentido, algumas etnografias procuraram direcionar mais recentemente críticas à monumentalidade desse pensamento tradicional, entendendo não ser a seca um ‘problema’ que se deve ‘combater’, mas um fenômeno com o qual se pode ‘conviver’. A minha etnografia sugere uma complexidade de ordem distinta à das perspectivas do ‘combate’ e do ‘convívio’. Os relatos de meus interlocutores de pesquisa sobre as suas experiências na e com a seca não se deixam diminuir por qualquer imaginação estabilizadora, imóvel e imemorial do tempo histórico. Seus relatos sugerem uma memória ecológica feita dinamicamente a partir de um outro modo de pensar o ‘tempo’ e a ‘história’. No sertão onde faço pesquisa, no coração dos velhos e das velhas, sobretudo, resta conservada uma ecologia, em particular, a ‘fatura’ do ‘tempo antigo’ que, hoje, a memória resgata e faz durar. Lembrar muitas vezes sugere ser a seca mais uma condição irremediável do presente do que um fato incontestável do passado.

Palavras-chave: seca, tempo, ecologia, memória, história

*Aos vaqueiros Antônio Izidório
e Cirilo Alves Diniz*

in memoriam

No lombo dos animais

Para mim, Genézio de Nato² selou o seu único cavalo. Montou em seu jegue e me levou a um passeio pelas terras em volta. Era março de 2016. Que a chuva tivesse coberto os pastos com capim, e que pudessem ser as lembranças daquele dia as de um solo com plantações de

¹ Doutorando, PPGAS, UFSCar, bolsista Capes.

² Foram mantidos os nomes verdadeiros de meus informantes de pesquisa, a quem agradeço e dedico este texto. Em especial, agradeço a Maria Amélia de Souza Araújo, parceira de sertão e vida.

diversos tipos e diversas cores, texturas e sementes, assim ele havia as desejado para que eu levasse comigo uma ‘imagem’³ distinta da que no ‘Sul do país’ se costuma representar a vida no semiárido do Nordeste. Nos trajetos, reclamava com frequência de como e do quanto havia morrido de suas plantações sem as chuvas já inesperadas no meio daquele mês. Hesitava em se satisfazer com a paisagem e com o que ao redor se alargava à nossa frente. No lombo dos ‘animais’⁴, forçava-me em ver o contrário do que eu via. De certa maneira, forçava-me mais detalhadamente em ver a virtualidade de sua memória: e se as coisas tivessem sido diferentes? E se a água tivesse molhado o solo? E se as chuvas tivessem irrigado o plantio? E se as coisas tivessem sido como foram um dia? Diante da impossibilidade de torná-las atuais, o vaqueiro recolheu as suas palavras (como na seca os rios intermitentes recolhem as suas águas), nitidamente triste em ver a caatinga sem a completa verdura da vida. “Tá vendo essas plantações? Tá vendo todas elas aqui, morrendo? Pois, olhe, quando chove, isso aqui é a coisa mais linda do mundo”.

Era, entretanto, a beleza em ausência (mas existindo virtualmente na memória do vaqueiro) o que mais me maravilhava na atualidade crua dos trajetos. Tudo era extremamente belo. Em cada pedaço de mata, em cada horizonte para o qual o seu dedo apontava, em cada pé de serra, nada parecia desolador. Em muitos cantos da caatinga, Genézio arriscava uma ‘história’, remetendo a ‘algo que aconteceu’. Com os seus oitenta e três anos na época, Genézio tinha uma ‘boa memória’⁵. Reanimava as palavras, assim, irrigando-as no tempo que atravessávamos juntos. Lembrou-se de um incêndio que devastou as matas de uma serra há mais de vinte anos. Da tragédia da qual ainda se recordam os seus sobreviventes, resta o escuro até hoje marcado pelo fogo na terra. À nossa volta, depois de muito se lembrar das coisas, cabia ao vaqueiro apenas refletir agora com maior rigor, voltando-se ao presente imediato de sua percepção: “Cinco anos sem cair chuva... Igual a isso, garoto, eu nunca vi!”. Nunca me esqueci das palavras do vaqueiro.

³ Palavras entre aspas simples designam termos de meus e minhas informantes de pesquisa. Palavras entre aspas duplas referem-se a conceitos e termos de autores(as) acompanhados de citação bibliográfica. Frases de meus e minhas informantes de pesquisa e citações indiretas de autores(as) são representadas também entre aspas duplas. Utilizo a grafia em itálico para citar diretamente os diálogos de meus e minhas informantes.

⁴ ‘Animal’ é o termo utilizado pelos meus interlocutores sertanejos para se referirem ao gado equino. ‘Criações’, para o gado caprino. E ‘gado’ somente para o gado bovino. ‘Criatório’ é o termo utilizado para se referir a todos em conjunto.

⁵ Ao longo do texto ‘boa memória’ terá dois sentidos. ‘Boa’ porque hábil, ágil e duradoura. Mas ‘boa’ também porque remete a algo de ‘bom’ que aconteceu, pelo qual se tem afeto, carinho, se deseja ou que vale a pena lembrar.

Sertão a distância

No dia 18 de março de 2021, Amélia, minha querida amiga e anfitriã em Floresta, mandou-me um áudio por WhatsApp. Ela havia ido à Petrolândia⁶, visitar alguns parentes. “Se puder, ligue, porque eu tenho um negócio para dizer a você. Um é pra você rir, e o outro é pra você botar na sua pesquisa. Conversei com Zé Ferraz e, sem planejar, ele entrou no assunto da seca” – eis o que constava no arquivo.

Embora Amélia tenha me mandado dias depois todos os áudios que gravou em seu celular, logo após retornar à Floresta, ela se adiantou em me deixar a par do que haviam discutido. “Ele disse pra mim, Zinho, que a última grande chuva que deu por aqui foi em 1978. Tu acha?”. Foi dessa afirmação de seu ‘tio’⁷ que ela achou ‘graça’. Terminamos a conversa após ela sintetizar o que eu viria a ouvir depois nos áudios que me enviou.

Ter conseguido de Zé Ferraz algumas palavras era motivo de muita celebração. A pouco mais de dois meses, no dia vinte e nove de maio, Zé Ferraz completaria noventa e nove anos. “Meu Deus do céu, como Zé Ferraz é um homem de fibra!” – sentiu-se bastante feliz em saber, depois de tantos meses sem poder vê-lo em virtude da pandemia, que seu ‘tio’ estava bem, com ‘boa saúde’ e, apesar da idade, bastante conversador. Ambos vacinados, puderam finalmente se encontrar.

Foi também em um tempo de tristeza que eu pude pela primeira vez dar a mão a Zé Ferraz em cumprimento. No enterro de seu primogênito, no dia vinte e dois de abril de 2016, em meu primeiro trabalho de campo no sertão, lembro-me de um homem já bastante idoso, magro, de estatura mediana, arrodado de gente e a quem se pedia com muita frequência a ‘benção’. Zé Ferraz roubava a atenção dos e das que lhe faziam palco: inclinado para frente, ele se balançava em uma rede, tocando no chão somente com um dos pés. Sorridente, no centro da roda, Zé Ferraz estava em debate com todos e todas que o acompanhavam em seu raciocínio. Disputavam a sua atenção nem tão só para distraí-lo em meio à tristeza do luto, mas porque desejavam claramente restar ao seu lado para ouvi-lo falar. Depois de um aperto de mão, de um gesto de carinho ou de um abraço qualquer em lamento à sua perda, Zé Ferraz seguia contando

⁶ Floresta está localizada a 65 km de Petrolândia, ambas fazem parte da microrregião de Itaparica, na mesorregião do São Francisco Pernambucano. A microrregião de Itaparica faz divisa com os estados de Alagoas e Bahia, e seu território corresponde a 15,22 % do Sertão de Pernambuco. Petrolândia abriga a Usina Hidrelétrica Luiz Gonzaga, e Floresta é o ponto de partida do Eixo Leste da Transposição do Rio São Francisco.

⁷ Embora o chame de ‘tio’, José Gregório Ferraz é primo legítimo do pai de Amélia, Cleto Regino de Souza, falecido em junho de 2015.

‘histórias’. Arriscou em me contar algumas ‘histórias de vaqueiro’⁸, mas naquele dia eram ‘histórias de Lampião’ que ganhavam centralidade – aproximava-se a chegada de um grande evento em Floresta, o Cariri Cangaço⁹, em razão do qual as pessoas estavam curiosas, mais do que de costume, pelas façanhas de Virgulino Ferreira nas redondezas do município. Atualizando-se de tempos em tempos os e as participantes da prosa, a ‘ruma de gente’ ao redor de Zé Ferraz se amontoava. Até a hora, contudo, do enterro.

Ao reproduzir os áudios para a escrita deste texto, tentei reconstruir a mesma ‘imagem’ de Zé Ferraz tal como eu o presenciei pela primeira vez. Notei como o mesmo senhor se demorava agora com as palavras. Muito mais lentas e com menos energia elas soavam e se formavam no decorrer de suas conversas com Amélia. As perguntas dela tinham que ser curtas e as respostas dele também. Fotografias recentes enviadas a mim por WhatsApp ou as que pude ter conhecimento através dos perfis em redes sociais de amigos e amigas de Pernambuco mostraram que o tempo consumiu o seu corpo e a sua força física. Em quase nada, no entanto, o tempo parecia ter consumido a sua ‘boa memória’, pela qual é tão reconhecido e prestigiado.

Lembrar com a seca

Zé Ferraz morou no ‘mato’, trabalhou no ‘campo’ e, quando menino, teve experiência com algumas ‘grandes secas’ que ocorreram ‘de primeiro’ na ‘região da Ema’, em uma das fazendas de origem da família dele e de Amélia em Floresta, os assim chamados ‘Ferraz da Ema’, entre os quais Marques (2002, 2013, 2014) e Villela (2004, 2009, 2015, 2017) há quase duas décadas realizam as suas pesquisas de campo.

Ferraz é um dos nomes de família de maior prestígio na região; Ema é o nome da fazenda (ou ribeira) que coube em herança a uma das filhas do neto do pioneiro Jerônimo Ferraz. A fazenda Ema corresponde a uma parcela de um arrendamento firmado com a Casa da Torre em 1819. Atualmente, essas terras estão subdivididas em dezenas de “terrenos” ou “sítios”, muitos dos quais abrigam casas de moradia, embora poucas delas sejam continuamente habitadas por seus proprietários. Radicados em cidades dentro e fora da região, muitos dos proprietários (descendentes ou na posição de esposos de descendentes daquele primeiro arrendatário) preservam as casas de moradia com seus

⁸ Tratei especificamente das ‘histórias de vaqueiro’ em Floresta na minha dissertação de mestrado (Pereira, 2017).

⁹ O Cariri Cangaço é um grupo de estudiosos e pesquisadores ‘independentes’ da ‘história do cangaço’ – assim se auto referem por não se vincularem a instituições de pesquisas acadêmicas. Em 2016 e 2017, Floresta teve incursões desse grupo em diversos pontos históricos da cidade e de outras circunvizinhas onde ocorreram batalhas entre o ‘bando de Lampião’ e as ‘volantes’ – a polícia do início do século XX montada para combater e exterminar o ‘cangaço’.

sítios e recorrem a moradores para o cuidado do gado e de roças, a manutenção das casas, cercas, açudes. Quando a fazenda era ainda muito habitada, há algumas décadas, os filhos homens recebiam terreno e casa próprios ao se casarem, no interior da fazenda (Marques, 2014: 122).

Nessa ‘ribeira’, as ‘secas mais cruéis’, segundo Zé Ferraz, foram as ‘grandes secas’ de 1915 e 1932. Da primeira ‘grande seca’, antes de 1922, o ano de seu nascimento, ele só tinha guardado consigo o que ‘ouviu falar’ de seus pais e avós. Da segunda ‘grande seca’, entretanto, testemunhou quando criança, com dez anos de idade apenas, a ‘imagem’ que nunca mais pôde esquecer.

Amélia: Tio, o que a sua memória traz das secas, principalmente, quando o senhor era mais jovem? Que lembrança, que memória o senhor tem da seca?

Zé Ferraz: Eu não tenho é nada!

Amélia: Não tem lembrança, tio?

Zé Ferraz: Só tenho a imagem!

Amélia: E como era essa imagem?

Zé Ferraz: Gado caindo de magro, vaca quase morrendo, sem ter o que comer!

Em um movimento constante de subida e caída, de recuperação e perda de vitalidade e força física, bois e vacas, após muito lutarem para sobreviver, imobilizavam-se no chão e definhavam, famintos, até a morte – eis a primeira ‘lembrança’ que a ‘memória da seca’ de Zé Ferraz resgata do ‘tempo’¹⁰ de sua infância na Ema: ‘O bovino morreu quase todo!’. A segunda ‘imagem’ da ‘seca de 32’ resgatada pela sua memória se relaciona à resiliência das ‘criações’ quando em comparação ao gado bovino: ‘Só escaparam da seca de 1932 os bodes e as cabras’, disse Zé Ferraz em seguida. Os caprinos são reconhecidos sertão afora por sobreviverem às estiagens, alimentando-se da vegetação sem precisar do pasto brotado das chuvas e do zelo humano intensivo (são seres que ‘comem alto’, ao alcance das ramas das plantas em serras e serrotes, além de viverem ‘soltos’¹¹ na caatinga). Mais ‘resistentes’ às secas que o gado o são também os homens e as mulheres ao seu próprio modo. Desse passado, por fim, Amélia se

¹⁰ Em outro lugar, tratei especificamente das definições possíveis de ‘tempo’ no sertão onde faço pesquisa. Em resumo, mantenho a mesma distinção de ‘tempo’ como memória e ‘tempo’ como movimento. “Ao falarmos do que é próprio do *tempo*, não se trata em dizer que as coisas no *tempo* correm e perduram somente, mas em dizer que o *tempo* é definido e só pode sê-lo por um conjunto dinâmico de relações.” (Pereira 2020: 253).

¹¹ Trata-se do método secular de ‘criação na solta’ tal como analisado por Vasques (2016) em sua etnografia na zona rural de Floresta.

interessou pela sobrevivência de um menino entre a vida e a morte na sua relação com os bichos, as gentes, as caatingas.

Amélia: Mas como é que o senhor fazia para beber água? – eis que Zé Ferraz respondeu, completando a referida ‘imagem’:

Zé Ferraz: Sapecando xique-xique, mandacaru, quando eu tinha 12 anos de idade [para dar de comer aos bichos, neste caso]. Comendo fruto de xique-xique, de mandacaru, quixaba, juá, e bebendo água de cacimba, cavada no riacho.

Amélia: Que lembrança mais o senhor tem da seca?

Zé Ferraz: De tudo! Eu tenho tudo na memória!

Mas da ‘imagem’ Zé Ferraz não deu nenhum outro traço. Em suas conversas seguintes com Amélia, escutam-se os talheres rasparem e baterem nos pratos. Zé Ferraz, Amélia e mais pessoas, provavelmente, almoçavam. Enquanto falava, Zé Ferraz mastigava, engolia e retomava o fôlego para dar vigor ao seu pensamento. Ao fundo, havia um conjunto de vozes dissonantes ao diálogo travado por Amélia e seu ‘tio’. Em plena luz do dia, o cenário era de um cotidiano alvoroçado de uma família entre o servir e o retirar as refeições. Ao perguntar a Zé Ferraz se era possível ‘conviver’ com a seca, ele aprofundou o debate. Considerando a particularidade do semiárido nordestino, a solução para o ‘problema da seca’ se resumiu a duas ações: a perfuração de poços e a construção de barragens. Ao falar das ‘tecnologias’, aproveitando-se da ocasião de seu almoço, Zé Ferraz teve uma brilhante ideia, dizendo a Amélia: “E nós não estamos convivendo com a seca hoje e, mesmo assim, comendo inhame, galinha da roça, macaxeira?”.

Zé Ferraz viveu no ápice do desenvolvimento de barragens e hidrelétricas no interior do Nordeste, sendo ele próprio habitante de uma cidade, Petrolândia, que foi destinada ao sacrifício em ‘nome do progresso’, redesenhada para ser um novo território, com a mesma população, filha de uma migração compulsória. A Usina Hidrelétrica de Itaparica, hoje de nome Luiz Gonzaga, é o empreendimento que deu vida à Nova Petrolândia, mas declarou morte ao velho vilarejo de mesmo nome. A parte superior da Igreja do Sagrado Coração de Jesus é vista agora da superfície das águas. Tornou-se o cartão postal da cidade e é um dos elementos mais importantes de sua atração turística¹². Quando se digita ‘Petrolândia’ no Google Imagens, eis a primeira imagem que aparece:

¹² São inúmeros os vídeos no Youtube e as reportagens na Internet que retratam o antes e o depois da construção da barragem de Usina Hidrelétrica de Itaparica em Petrolândia, cujos temas centrais são as ruínas, a memória, os



Figura 1 Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Petrolândia, PE.

Fonte: Eduardo Alcântara. Disponível em:

<https://m.blogs.ne10.uol.com.br/mochileo/2019/04/01/petrolandia-atlantida-brasileira/>.

A ‘tecnologia’ que deixou as ruínas da velha cidade a muitos metros debaixo d’água é um dos elementos que diferencia o ‘tempo de infância’ de Zé Ferraz dos tempos que se seguiram. “Nós temos um lençol fluvial subterrâneo no Nordeste. É só afundar um poço e irrigar. Veja, a seca foi um bicho papão na época em que não tinha a tecnologia que tem hoje”. Em um momento de sua conversa com Amélia, Zé Ferraz tem em mãos um álbum de fotografia, dentro do qual retira mais uma ‘lembrança’, mais uma ‘imagem’, dessa vez ela já adulto. Em cima de uma máquina de cavar poço, importada da Rússia, estão ele próprio, Beto (um primo) e mais outros cinco homens dos quais não tenho informação de quem sejam¹³. Segundo Zé Ferraz, trata-se de uma ‘tecnologia’ feita para ‘diminuir’ as secas.

relatos de pessoas que relembram os tempos que viveram na velha cidade e tiveram que testemunhar o desaparecimento de suas casas, dia após dia, até serem engolidas completamente pelas águas. Conferir, por exemplo, o vídeo ‘História de Petrolândia’, disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=W4Wp3ZaHpjE&ab_channel=JailmaBarbosa.

¹³ Jadilson, filho caçula de Zé Ferraz, foi quem me autorizou o uso da fotografia de seu pai. Em contato recente com Jadilson, ele me explicou haver muita especulação dele e sua família a respeito dessa fotografia, onde ela exatamente foi tirada e quando. Sabe-se que foi no começo dos anos 70.



Figura 2 Máquina de cavar poço
Fonte: Zé Ferraz

Com as lembranças da seca, Zé Ferraz passa de alguns contornos de sua memória de morte, dos animais cadavéricos e famintos no tempo de sua infância, à sua memória inundada, encharcada pelas águas do São Francisco, em uma terra abundante também de água. Apesar das ‘tecnologias’ de ‘manejo da água’ e de tantas obras de impacto do governo (se levarmos em conta toda a maquinaria do Complexo Hidroelétrico do São Francisco), ele afirmou que as secas a cada ano que passa, todavia, têm se tornado mais severas. Ao ver o álbum de fotografias, Amélia perguntou-lhe:

Amélia: Tio, a seca é esse fenômeno tão antigo que o senhor, com 99 anos, acabou de lembrar. Mas com certeza a seca vem mudando com o tempo. O que o senhor acha que mudou?

Zé Ferraz: A seca tá aumentando. Estão se acabando os ‘corgos’ [córregos], os riachos, os rios. O Rio Pajeú¹⁴ tá com aquelas enchentes?

Amélia e Zé Ferraz: Não tá!

¹⁴ O rio Pajeú é um curso de água que banha o estado de Pernambuco. É o rio com a maior bacia hidrográfica do estado. Nas margens do rio Pajeú, encontram-se as cidades de Itapetim, Tuparetama, São José do Egito, Ingazeira, Afogados da Ingazeira, Carnaíba, Calumbi, Serra Talhada, Floresta e Itacuruba.

Zé Ferraz: O Riacho do Navio¹⁵ tá com aquelas vazantes?

Amélia e Zé Ferraz: Não tá!

Zé Ferraz: Ninguém nunca mais viu eles cheios. Aqui mesmo, por exemplo, ninguém ouviu mais um trovão, um relâmpago, não se vê mais um pingo de chuva.

A memória longa e profunda de Zé Ferraz (quero dizer, alargada e aprofundada pelas duas ‘grandes secas’ nas primeiras três décadas do século XX) pouco a pouco começa a pressionar o presente. Um ‘tempo de hoje’ a respeito do qual, minutos depois, Amélia e seu ‘tio’ passaram a refletir. Ora, a constatação de não ouvir mais um trovão, um relâmpago, nem ver mais um pingo de chuva, remete de certa maneira ao que o vaqueiro Genézio, em 2016, enquanto andávamos pelo ‘campo’, constatou a mim ser algo inédito: uma seca que se estendia por quase ou mais de cinco anos. As ‘grandes secas’ do século XXI no sertão, inéditas e irreconhecíveis por sua duração e por seus estragos, sugerem um presente órfão de umas das principais qualidades do passado. A ‘fartura’.

Tempo de fartura

Amélia nasceu em dezembro de 1960 e viveu na Ema até 1971. Ela morou em uma das três casas do Jericó, nome dado a uma porção de território da Fazenda Ema. O Jericó era constituído pela ‘casa grande’ e por mais duas casas dos filhos (uma delas a de seu pai). Zé Ferraz, por sua vez, morou em uma das casas do Açude Novo, outra porção de território da mesma fazenda¹⁶. Desse tempo, Amélia não se lembrou de nenhuma seca, talvez porque fosse ainda muito menina, talvez porque não presenciou uma estiagem severa que tivesse afetado a sua família. Por essas e outras razões, imaginou que pessoas de um passado ainda mais longo do que o dela, como o seu ‘tio’ Zé Ferraz, pudessem se lembrar de alguma coisa. Mesmo assim, três meses depois de sua viagem à Petrolândia, pedi a ela que me falasse um pouco do tempo de sua infância.

¹⁵ O Riacho do Navio é um curso de água intermitente e afluente do rio Pajeú, que atravessa o sertão pernambucano. Sua fama se deve muito à música “Riacho do Navio” composta pelo Rei do Baião, Luiz Gonzaga, em parceria com Zé Dantas.

¹⁶ O nome que uma casa recebe proveniente do nome da porção territorial em que fazem parte. Jericó, por exemplo, distingue socialmente uma casa da outra e, assim, distingue-se entre si as famílias em relação umas às outras com os seus sobrenomes, como bem já demonstrou Marques (2014) a respeito da noção de casa na mesma localidade de minha pesquisa.

Dentre as principais ‘lembranças’: a ‘imagem’ das chuvas. Ao contrário da ‘imagem’ da morte do rebanho dada por Zé Ferraz quando menino, vagorosamente vendo o gado se levantar, cair e definhar, Amélia tinha como ‘imagem’ a de uma menina brincando nas águas dos barreiros, junto de seus irmãos, após as chuvas caírem nos períodos certos, em um tempo de maior regularidade, avolumando e enchendo os riachos, os córregos, os açudes, até que os mesmos ‘sangrassem’, isto é, quando transbordavam as suas águas. ‘Sangrar’ é uma das ‘imagens’ mais fortes de ‘fartura’ que se pode ter em meio a aridez do sertão. “Tristeza”, contudo, disse ela, “era quando a parede de um açude quebrava, e a água ia toda embora”. Ao povoar a sua memória de água, lembrou-se, conseqüentemente, das lavouras. A ‘memória da roça’ foi despertada, remetendo a algo que sugeriu não existir mais: três ou quatro trabalhadores, mais o dono da propriedade (seu pai, no caso), limpando a roça para plantar, enquanto ela e seus irmãos e suas irmãs ‘pastoravam’ o milho, ou seja, depois de plantado, saíam gritando, andando pelas lavouras e espantando os pássaros para que não comessem as plantações. Ao dizer que estava me fazendo “um convite à memória da Ema”, lembrou-se em detalhes de se esconder em baixo da mesa da sala. Sua mãe ali colocava seus filhos e suas filhas – “Um candieiro aceso em cima da mesa, porque não tinha energia elétrica” –, para se protegerem das goteiras e dos relâmpagos. Mais recentemente, Amélia foi visitar a casa onde morou, da qual restaram apenas as ruínas.



Figura 3 Casa no Jericó, Fazenda Ema, Floresta, PE, 2021.
Fonte: Maria Amélia de Souza Araújo

Amélia se surpreendeu com a existência de uma imburana a poucos metros da casa demolida. Foi quando o seu “convite à memória da Ema” se tornou mais íntimo. No casco da árvore, ainda viva e estrondosa, Amélia identificou um registro, um rastro, o risco de dois nomes juntos. “Despertando os amores da vida, a gente escrevia o nome da gente e o nome da paquera nessas árvores”. Além do florescimento do amor, destacou a convivência e os afetos por seus avós e avôs paternos e maternos. Lembrou-se assim do trajeto dessa mesma casa até a casa de sua avó materna. “Era a casa de fartura”, da qual se recordou do cheiro das redes (“Eu ainda sinto o cheiro da casa de minha vó materna!”), sobretudo, quando lá dormia com toda a sua família nos dias de novena. Da casa de sua avó paterna, a ‘casa grande’ do Jericó, por sua vez, lembrou-se do gosto dos bolos e das bolachas. De sua infância, portanto, disse Amélia ter guardado consigo as ‘boas memórias’.

As casas de seus avós maternos e paternos eram as ‘casas de fartura’. Eram as ‘casas que tinham tudo’, as ‘casas ricas’, a morada da família de mais posses e mantimentos do que a de seu núcleo familiar. ‘De fartura’ pode ter sido uma casa, como ‘casa de fartura’ no ‘mato’. Mas ‘de fartura’ pode ter sido também um determinado ‘tempo’, uma época, uma era, contemporânea à infância de Amélia, bem antes ou pouco depois dela, enfim, um passado que a ‘memória da Ema’ e as memórias de outras localidades da zona rural de Floresta costumam

dar o nome de ‘tempo antigo’; esse mesmo ‘tempo’ incontestavelmente (quanto mais remoto for) ligado ao ‘sofrimento’, às ‘dificuldades’, à ‘pobreza’, à fome, à austeridade, ao ‘banditismo’, ao ‘cangaço’, ao ‘atraso’, diferencia-se ecologicamente do presente já que, no passado, a ‘fartura’ estava à disposição de seus viventes. O ‘gado’, por exemplo, é um vivente que reúne tanto a riqueza pessoal, como propriedade e patrimônio, quanto a ‘fartura’ de um ‘tempo’ em que ‘o gado era muito’. Serei mais claro a esse respeito.

Ao vaqueiro Antônio Izidório, na época com os seus 99 anos, em maio de 2016, Amélia, sua prima Janeide, seu primo Gilson e eu fizemos uma visita em sua ‘morada’, na Fazenda das Baixas, no município de Serra Talhada. Com a ajuda do filho de Antônio, tentávamos motivar o velho, seu pai, a falar e a recuperar as ‘lembranças’ da ‘vida de vaqueiro’ que exerceu por 56 anos. De ‘boa memória’, falou dos bois que capturou (“Só catei e peguei boi veio, boi grande, ‘boião’, boi de 20, 22 arroba”). Também nomeou os cavalos e os cachorros que estiveram ao seu lado no ‘campo’ (cavalos: Dois de Ouro, Zabumba e Bem-te-vi; cachorros: Trilheiro e Jopi). À medida que lembravam, Antônio Izidório e seu filho não mediram esforços para exaltar o ‘tempo’ que viveram na ‘grande fazenda’ do boiadeiro para o qual a sua família trabalhou. No ‘tempo antigo’ por eles descrito, a ‘fartura’ dimensiona o quão ‘grandes’ eram os bois (‘boião’), quão numerosas eram as cabeças de gado, quão extensas eram as terras e o quanto havia de comida sobre a mesa.

Amélia: *Por que é que dão tanto apelido aos bois?*

Filho: *Pessoal dá mais apelido ao boi de casa, boi manso. Boi da caatinga, se for dar apelido, como era no Açude Grande – eu nasci e me criei lá, que era a fazenda rica –, era apelido que não acabava mais, porque gado era muito. A criação de bode lá não só assinava mil cabritos por ano, não. Era muito! Eu vi minha mãe fazer queijo de manteiga e botar na mesa como quem botava uns pratos de angu.*

Amélia: *Meu Deus!*

Filho: *Era muita, a fartura era muita. Hoje em dia, a gente compra aquele pedacinho de queijo na rua, e o pessoal come logo lá na banca mesmo.*

Antônio Izidório: *Não presta mais como era não! De primeiro, era manteiga pura e, hoje, bota uma farinha ou bota óleo... Presta não!*

À medida que se olha hoje para a caatinga, para as chuvas, para os animais e os rebanhos, para os alimentos, os riachos, os córregos e os rios, praticamente não se vê o que se pôde ver e viver décadas atrás. Sobretudo, quando eram mobilizadas as memórias relativas à ‘vida no

campo’, meus amigos e amigas sertanejas se expressavam das seguintes maneiras: ‘Eu acho que isso não existe mais’, ressaltou Amélia, como vimos, a respeito da reunião de três ou quatro trabalhadores para limpar a roça antes de plantar o milho. ‘Acabou-se’, por exemplo, é expressão para se referir ao rebanho bovino, às novenas, aos boiadeiros, aos tangerinos e à ‘fartura’ da carne do boi, do couro e do leite. Em uma entrevista com outro vaqueiro, Cirilo Alves Diniz, em 2016, de sua boca ouvi: ‘Desgraçou-se tudo’. Não só porque, segundo ele, “hoje o povo não tem mais respeito”, em um mundo de ‘desgraças’ fruto de um tempo de ‘coisas ruins’ (referindo-se aos assassinatos e aos casos de violência urbana que assistia pela TV), mas porque a seca tinha matado, até o ano de nosso encontro, dezenas de cabeças de seu rebanho.

Cirilo: *Eu perdi quarenta rês! Morreram instantaneamente de fome, porque não teve pasto pra elas, não! Morreu no campo. De todo jeito morreram. Quarenta cabeças! Não foi doença, não, foi fome! Foi fome, porque não teve comida pra tudo. Três, quatro anos sem chover? Não chove nem pra encher um riacho, um ‘corgo’, nem nada, tá seco tudo! Resseca e pronto!*

Renan: *O senhor já viu outra seca dessa?*

Cirilo: *Teve uma sequinha grande em 1958. Teve outras pra trás, antigas, que eu não era nem nascido. Em 32, 39... Aqui é cruel a seca demais, nesse sertão. Cruel demais.*

Em tom de revolta, seguida da conversa sobre a perda de seu rebanho e a ‘seca de 2012’, Cirilo falou do Rio Pajeú, no qual em certas regiões já não havia mais água, nem peixe, nem pescadores.

Cirilo: *Antigamente, no Rio Pajeú, tinha peixe demais. Hoje, acabou-se. Não existe mais o dourado, o mandi, se acabou. Não tem mais, nesse rio Pajeú. Antigamente, fazia as enfiadora que era da altura do ombro, com mata grande, verdadeira, aquela grande do Rio São Francisco, tinha bem uns três tipo de peixe que aparecia no rio, dourado, surubim grande. Lá na minha propriedade tinha poço que pegava surubim com 25kg! Hoje, não tem mais. Lá, botavam 25 ou 30 pescador no poço, e de ‘pesa’ pegavam uma camioneta de peixe. Era peeeeeeeeixe!*

Renan: *O senhor pescava?*

Cirilo: *Pescava! Pescava também e achava era bom! Pescava. Pois é, tudo isso teve no outro tempo: fartura. Hoje não tem mais essa fartura!*

A ‘fartura’ diz respeito, portanto, ao retrógrado, ao que passou, ao passado, enfim, à memória que se tem do que se movia, corria, percorria, produzia, reproduzia e preenchia a vida. ‘Fartura’ é volume, abundância, excesso, grandeza, sobra, extensão de tudo o que deriva do céu

e da terra, do gado e da caatinga, dos peixes e das águas. É o que encanta os olhos e, quem sabe, dele poderá se servir na mesa em que se come. ‘Fartura’ não é só um ‘tempo’ histórico que se pode datar e nomear, mas algo que aguça a percepção ecológica da memória. Hoje, povoada de ‘imagens’ (gado, águas, rios, peixes, barragens, tecnologias, enfieiras, mata grande e verdadeira), a memória se perde em tempos desregulados, inconstantes, imprevisíveis, sendo a testemunha do que deixou de ter e o que deixou de existir: a ‘fartura’ do ‘outro tempo’ que, hoje, não se pode facilmente perceber, distribuir, tocar, provar, dela se servir, se deliciar e colher aos montes em comunhão.

Nesse sentido, o repertório conceitual e teórico¹⁷ instalado no imaginário nacional de um sertão cuja história, geografia e socialidade são de secas e flagelos é desmontado pela memória dos velhos de minha pesquisa. Cada qual com o seu nome, a sua origem, o seu lugar, a sua memória, a sua experiência e a sua própria ‘história’, sugere um ‘tempo de fartura’ que não sintetiza o passado como um modelo, tanto a ser seguido, quanto do qual se deve tomar distância (Villela, 2015). O que não significa tomar o passado como um universo de miragens, onde tudo era melhor e maravilhoso. O que a ‘história’ feita pelos sertanejos e pelas sertanejas de minha pesquisa sabem muito bem resgatar são as ‘boas memórias’ (em seus dois sentidos) cujos contrastes com as experiências no ‘tempo de hoje’ sugerem diversas mortes: a morte do rebanho, a morte do vaqueiro, a morte dos rios, a morte dos peixes, a degradação do meio ambiente e da caatinga, o abandono da ‘vida no campo’, entre outras.

“A gente destruiu o planeta em 50 anos”. Essa fala não é de um velho vaqueiro, mas de um biólogo e entusiasta das políticas do meio ambiente em Floresta, Péricles Ferraz, 40 anos, que foi aliás candidato a vereador em 2016. Ao lembrar com a seca, mais recentemente, em uma conversa que fizemos por vídeo chamada, Péricles concluiu que, embora a vida pulse na caatinga, a extinção das espécies animais e vegetais (que foram por ele elencadas uma a uma) e o abandono das pessoas da ‘vida no campo’ não se justificam pelo contingente de secas na região e pela sua história de flagelos. Seca, extinção, flagelo e evasão rural foram e ainda são causadas pela ausência de um ‘manejo adequado’, pela falta de ‘investimento do governo’ em políticas públicas e, agora, pelas ‘mudanças climáticas’ cujos efeitos, segundo ele, mais do que nunca, estão sendo sentidos na caatinga. Após criticar o modo vigente de governá-la, habitá-la e de tentar salvá-la da desertificação, lembrou-se de um incêndio em 2019 em Floresta

¹⁷ O conjunto de debates e teorias vigentes a respeito das secas no Nordeste na história, no jornalismo, na geografia, nas ciências sociais, no pensamento social, é imenso (Albuquerque Jr., 1988, 1995; Almeida, 1953; Andrade, 1948; Callado, 1960; Castro, 1984 [1946]; Coelho, 1985; Cunniff, 1975).

(contemporâneo aos incêndios na Amazônia, no Pantanal e no Cerrado naquele mesmo ano), fenômeno que devastou boa parte das matas e dos animais na região.

Porém, à medida que se lembrava com o fogo e com a seca, Péricles também se lembrava com as águas das chuvas, segundo ele, mais ‘regulares’ e mais ‘fortes’ no tempo em que era menino. Lembrou-se das enchentes no Rio Pajeú que alegravam e, ao mesmo tempo, assombravam a população quando as águas batiam em suas portas – o mesmo rio que corta a cidade em duas e faz fronteira, aliás, com o ‘muro’ (o pátio ao fundo) da casa de Péricles. Quando solicitei a ele que me dissesse outras coisas percebidas de muito diferentes pela sua memória, Péricles recordou-se, em especial, das araras maracanãs que cruzavam o céu em fase de migração. No tempo de sua infância, ele as via anualmente sobrevoando o teto de sua casa. Mesmo entre as pessoas mais novas, mesmo entre os e as que nem tão ‘boa memória’ têm, estão abrigadas as mais belas paisagens.

São bastante distintas as vidas de Amélia e de Péricles quando comparadas com as de Zé Ferraz, sendo todas elas incomparáveis com as vidas dos vaqueiros Genézio, Antônio Izidório e Cirilo Alves Diniz. Amélia viveu apenas quando menina no ‘mato’. Péricles deixou Floresta quando pré-adolescente, para ir estudar no Recife, nunca tendo de fato vivido na zona rural – seu retorno ao sertão se deu mais recentemente, em 2016. Ao contrário de Amélia e Péricles, vaqueiros e agricultores dirão coisas e se lembrarão delas na posição de ‘experientes’ e ‘vivos’ do ‘mato’ e da caatinga, pois ‘matutos’ e ‘catingueiros’. Genézio, por exemplo, se dizia ‘vaqueiro estragado de mato’. Não só porque ‘matuto’ (habitante do ‘mato’), mas porque vaqueiro integrado à vegetação (como vivente da caatinga), modificado pela sua relação com ela, modulado por seus espinhos e paus tortuosos (vaqueiro de corpo cortado, cheio de cicatrizes, coberto pelas marcas de quando dava ‘carreira’ em ‘boi brabo’). Mas em todas as memórias postas em relação neste texto, ‘matutas’ ou não, ‘catingueiras’ ou não, vaqueiros ou não, homens e mulheres, enfim, memórias complexas e individuais cada uma ao seu modo, a ‘fartura’ existe como uma virtualidade que a duras penas tenta se tornar atual.

Em seu sentido histórico, portanto, a ‘fartura’ é um modo de fazer equivalências entre ‘tempos’ que se pode designar um nome: por um lado, ‘tempo antigo’ como um ‘tempo de fartura’, por outro, ‘tempo de hoje’ como um tempo desprovido dela, ausente de equilíbrio, regularidade e ordem. Em seu sentido estritamente atmosférico, por exemplo, as estações definem o ‘tempo’: ‘tempo de fartura’ (como ‘inverno’ ou ‘invernada’ – estação das chuvas) *versus* ‘tempo da seca’ (como ‘verão’ – estação de estiagens). Mas em seu sentido aberto às

transformações da vida e dos modos de viver e aos modos de entendê-las e senti-las, a ‘fartura’ diz respeito a toda sorte de práticas, saberes, estações, sentimentos, paisagens e modos de viver que um dia foram possíveis: caatingas verdejantes, com muita ‘mata grande’; com ‘grandes chuvas’ ou com ‘grandes secas’, mas com períodos de chuvas sobejamente distribuídas e regulares; riachos cheios e em vazão; barreiros onde se nadava; entre águas com peixes; ribeiras com pescadores; entre pastos com muito gado, desde o ‘gado manso’ ou ‘gado de casa’, até o ‘gado brabo’ ou o ‘boi da caatinga’ que é criado ‘solto’; das vacas, se retirava muito leite; sobre a mesa, com efeito, muito queijo de manteiga; quando o vaqueiro era uma ofício, uma ‘profissão’; homens encourados à procura de uma rês, atrás apenas da cabeça de um vasto rebanho, nas terras de um ‘grande fazendeiro’. Enfim, o ‘tempo antigo’ em sua relação com o ‘tempo de hoje’ gera uma ‘controvérsia ambiental’, como sugerido por Teixeira (2019: 116), em sua etnografia sobre a caça no sertão cearense, na medida em que um tempo ou outro tanto pode comover quanto pode deixar as pessoas indignadas.

É evidente que a ‘fartura’ em Floresta corresponde, com suas diversas ‘imagens’ e ‘lembranças’, ao pastoreio de criação extensiva de bovinos e caprinos nos tempos áureos da pecuária sertaneja, assim como ao tempo em que não havia as barragens que represaram as águas do rio São Francisco em diversas localidades do semiárido do Nordeste, secando os leitos de diversos rios. Em posse de certas ‘lembranças’ e ‘imagens’ desses tempos áureos, os contrastes e as “controvérsias ambientais” entre a memória da seca e a memória da fartura são necessários, eu diria, para se perceber o que resta de vivo desse tempo e o que dele rui e morre ecologicamente a cada dia. Nesse sentido, a secura e a fartura estão integradas a uma ‘ecologia da vida’, como definida por Deborah Bird Rose (2012), onde a vida e a morte não se desgarram uma da outra.

Secura e fartura coexistindo em uma “ecologia da vida” faz com que a memória seja um conceito ecológico, mais do que uma categoria estritamente social, histórica ou cultural, algo historicamente de maior preocupação ou relevância para a antropologia. A antropologia, na verdade, apartou a ecologia da memória e a memória da ecologia. Mais especificamente, é preciso dizer, a antropologia privou a memória de operar ecologicamente, por tê-la feito apenas um acessório ou adereço conceitual da cultura. Ao fazer da memória social uma particularidade da história, seja na oralidade, seja na tradição, seja na identidade, seja no coletivo, a memória ficou a serviço da continuidade e da transmissão cultural, como bem destacou Berliner (2015). Em contrapartida, às memórias que se têm de ecologias vivas e mortas, ecologias que

permanecem e ruem, principalmente no contexto caótico das mudanças climáticas, David Berliner e Olivia Angé (2020) cunharam o termo “nostalgia ecológica” ou “eco-nostalgias”. Uma modalidade de memória que nada tem a ver, nos termos em que os autores a desenvolveram, com a idealização ou a romantização do passado.

A “nostalgia ecológica” cria afetos coextensivos entre as ações da memória e as ações de um meio ambiente degradado, devastado, desolado, muitas vezes, um na tentativa de recuperar e salvaguardar o outro e, quem sabe, um revitalizando o outro, simultaneamente, memória e meio. Por ser ecológica nesses termos, a memória não seria apenas movimento interior, profundidade, reminiscência, lembrança, representação, algo que salta de dentro para fora, da individualidade intelectual para a vida social. Na presença de mundos que desabam, as memórias de secas, chuvas, barragens, rebanhos mortos, de securas e farturas, agem nas individualidades de maneira ecológica de modo a torná-las questionadores dos tempos que correm. Ao lembrar com a seca, os sertanejos de minha pesquisa fizeram retrospectões de suas vidas pessoais, mas sobretudo prospecções de como é viver e habitar o mundo de hoje.

Sem a sua complexidade temporal e ecológica, a ‘fartura’ não pareceria surpreendente no sertão onde faço pesquisa caso a tivéssemos tomado aqui apenas como conservadorismo dos mais velhos ou nostalgia dos e das que se lembram da vida que viveram. Ou, ainda, se apenas a tivéssemos considerado em termos de pobreza e riqueza, entre passado e presente distinguidos pelas posses e pelo prestígio de certas famílias e certos grupos. Olhar para o passado como um ‘tempo de fartura’ não quer dizer torná-lo econômica e materialmente mais rico ou menos rico, mais justo ou menos justo que o presente. Apesar da miséria do mundo, importa saber que o ‘tempo de fartura’ foi um ‘tempo’ ecologicamente habitável para os seres de várias espécies.

Memória de velho

Não quero dizer que as pessoas desejassem viver então novamente no ‘tempo antigo’. A velhice, por exemplo, embora saudosa, reclama o tempo todo. A velhice é impaciente, mas torna evidente as mudanças que nem sempre se deve aceitar ou com elas se satisfazer plenamente. A memória dos velhos é potente nesse sentido porque o passado não é o obsoleto e o descartável do tempo. O passado é imediatamente o novo, o atual, é o que se presentifica quando lembrado, de novo. É com o passado (e em virtude dele) que se pode reconhecer as

pessoas e os lugares em que viveram. Se assim não o fosse, haveria razão em viajar quilômetros na caatinga para conversar com um vaqueiro de quase cem anos de idade?



Figura 4 Com o vaqueiro Antônio Izidório e seu filho, Fazenda das Baixas, Serra Talhada, PE, 2016.
Fonte: Acervo pessoal

Quando Amélia pediu a Antônio Izidório, no dia de nossa visita à sua morada, que ele desse um ‘conselho’ aos vaqueiros ‘mais novos’, Antônio caçoou, riu e debochou. Para justificar sua atitude, voltou-se à sua grandeza como ‘boa memória’ pela qual ele é lembrado.

Não adianta dar o conselho, não. É perdido. Veja, eu gostava das pessoas. Agora, desse povo sem futuro, sem prestígio, eu nunca gostei, por isso que eu ganhei nome de ‘homi’. Outro dia, eu fui, não tá com muito tempo, no consultório de João, filho de Dr. Aldecir, que era meu amigo. Foi a maior alegria. Ele disse a mim: ‘O homi é pequeno, mas o nome é grande!’.

Em posse da experiência acumulada, Antônio Izidório carrega um nome de prestígio, tem a sua reputação de ‘grande vaqueiro’ e o que sobrou da ‘fatura’ de ‘outro ‘tempo’ conservada em sua própria pessoa, dimensionada na consciência que tem de si e do tempo em que viveu. Zé Ferraz, por exemplo, também com os seus noventa e nove anos, é uma das memórias mais vivas, vividas e duradouras de sua extensa família (os ‘Ferraz da Ema’), sendo praticamente, eu arriscaria dizer, um de seus maiores patrimônios. É com muito

reconhecimento, carinho e admiração que me falaram de Zé Ferraz e Antônio Izidório. Vaqueiros, sobretudo, são reconhecidos e homenageados em missas e vaquejadas. Genésio, por exemplo, muito se orgulhava de ter recebido um ‘diploma’. Era um banner pendurado na sala de sua casa no qual constava sua fotografia e a seguinte mensagem: “Ao vaqueiro mais velho e mais atuante da região. O seu empenho em preservar a cultura sertaneja, a sua fé, coragem e dignidade, merece nosso aplauso”. É que o velho no sertão, sugiro, é uma memória viva que se deve ouvir, celebrar, homenagear e abençoar. A ‘benção’ do encontro do lábio de um mais novo à mão de um mais velho, como cumprimento e respeito, é um costume que se perpetua por décadas, nesse universo ao qual me refiro, onde os anciãos e as anciãs ocupam uma posição de destaque e de grande prestígio social.

Noutros contextos, porém, velhas e velhos não haveriam de ocupar a mesma posição, conforme bem já demonstrou há algum tempo Ecléa Bosi (1995) a respeito dos velhos e das velhas nos grandes centros urbanos do ABC paulista. A autora mobilizou a noção de “memória de velho” para denominar uma forma de ação das lembranças de operários e operárias aposentadas, senhoras e senhores que um dia pertenceram a uma coletividade ativa, a uma classe social vigorante e trabalhadora, depois, contudo, fora do seu universo de trabalho, viram-se marginalizados, descontentes, jogados às traças pelo modo de vida burguês individualista. Um velho sertanejo é o oposto de uma memória apartada de seu coletivo, abandonada e excluída dele. O coletivo o aglutina e insiste em inseri-lo em destaque como a ‘boa memória’ de uma dada família, para preservá-la, transmiti-la, para que ela não morra ou, ao menos, para que não tenha uma morte qualquer. Preservar, conservar, fazer durar, transmitir... o velho é uma ecologia.

A definição de memória com a qual tenho procurado pensar os velhos e as velhas de minha pesquisa desde uma perspectiva ecológica é a de Henri Bergson (2011 [1939]), para quem o tempo é algo próprio que dura, pois o tempo é “duração”. O tempo tem uma existência especial, da qual se pode ter maior ou menor consciência e com a qual se pode criar maior ou menor grau de “atenção à vida” – por isso, uma memória ecológica: Zé Ferraz, Genésio, Antônio, Amélia, Péricles e Cirilo. Todos eles refletiram a respeito de si mesmos, mas sobretudo a respeito da vida em geral. É à vida já vivida, que se vive agora ou ainda por viver que se deve dar maior ou menor grau de atenção e, para tanto, deve-se questionar o modo como se viveu, onde se viveu e o que se pensa da vida e dos modos de ser viver e dos viventes (outros que não somente humanos) que vivem atualmente na caatinga, no ‘mato’, no ‘campo’, na ‘rua’,

nas cidades. Lembrar, no sertão que visitei, portanto, é ter consciência dessa “duração” do tempo e da vida que passa. Vidas que não se desgarram de suas experiências, sobretudo, quando velhas e de ‘boa memória’, são elas vidas que sabem ser (e que são) únicas no tempo.

Morte da memória (conclusão)

Velho é a quem muitas vezes se diz ‘sábio’, portanto, também ‘experiente’, e, com efeito, quando hábil com as palavras, é o seu senhor. É a quem se deve pedir a ‘benção’, mas a quem se deve ouvir e a quem se deve também pedir ‘conselhos’. Como velhos experientes e bons conselheiros, os sertanejos de minha pesquisa identificaram mais uma morte. Ao se lembrarem do ‘tempo de fartura’ ou da ‘fartura’ que havia no ‘outro tempo’ (tempo que lhes presenteia com as ‘boas memórias’) reclamam constantemente da ausência de ‘boa memória’ no ‘povo de hoje’, quando este se encontra despossuído dos mecanismos para botá-la em prática. De suas perspectivas, à medida que os mundos vão ruindo ecologicamente, à medida que o meio ambiente se degrada e aniquila a ‘fartura’ e a vida que resta, a memória também rui, seca e se degrada. É como se o peso do tempo houvesse caído sobre os ombros dos ‘mais velhos’ para alertar os ‘mais novos’, agora, de que o ‘tempo’ (além de ser um ‘tempo de seca’) é um tempo de secura da memória, por assim dizer, um tempo permeado por sucessivos desaparecimentos (peixes, águas, rebanhos, matas) e esquecimentos (pois um povo sem memória nada pode questionar quando tudo desaparece ao seu redor). Afinal, o ‘tempo de hoje’ é um tempo feito ecologicamente para que nada permaneça o que foi por muito tempo, de modo que tudo seja descartado, se torne obsoleto, como se faz com as tecnologias, com as velharias, com os velhos e com tudo o que envelhece em muitos lugares.

No sertão onde fiz pesquisa, todavia, quanto mais velha uma pessoa for, quanto mais remoto for o tempo em que viveu, em muitos casos, maior será o seu nome, a sua ‘história’ e dela se tentará preservar a memória¹⁸. Tentarão ao máximo não descartar os velhos e as velhas, as pessoas que são e as coisas que possuem, tal como não foram derrubadas as casas antigas da Ema (o Jericó, o Açude Novo, o Sobrado, a Várzea Redonda), cujos nomes preservam os territórios, conservam as casas em pé (mesmo que modificadas) e, com efeito, quem nelas

¹⁸ Os mortos em sua relação com a política e a família são alguns dos principais ingredientes para a produção da memória. Trata-se do que Villela (2020) denominou ‘thanasimologia’, para o caso etnográfico de uma missa campal em homenagem a um vaqueiro morto há mais de 150 anos em Floresta, tornado ‘tronco’ de uma vasta quantidade de famílias sertanejas.

morou ou ainda mora. Ser velho é ser ecológico e é ser a ecologia mesma que se conserva e faz durar. Como ecológicas memórias, os velhos se fartam de suas lembranças distribuídas em vários cantos do ‘mato’ e da ‘rua’, homenageadas em missas e vaquejadas, quando tornadas públicas as suas biografias em livros de historiadores e genealogistas locais, ademais, quando existentes futuramente nas palavras de um alguém em torno do qual uma ‘ruma de gente’ irá ouvi-las e conhecê-las.

Tão rapidamente os tempos mudam e passam, mais os velhos de minha pesquisa (além de serem a ‘boa memória’ pela qual são reconhecidos em Floresta, Petrolândia e Serra Talhada) se tornam as minhas ‘boas memórias’. Os seus ‘conselhos’ e todo o ceticismo com o qual olham para as coisas no ‘tempo de hoje’ me serviram, aliás, para identificar o que há de diferente e de habitual em meu próprio tempo, enfim, pelo menos do que sobrou de nossa ‘fartura’, certamente, em um dos mais miseráveis tempos já vividos. Na grande epidemia do século XXI, escrevo este texto apartado/isolado das coletividades que me confortam – Antônio Izidório e Cirilo Alves Diniz faleceram poucos meses depois que deixei Floresta pela primeira vez. Espero ainda poder dar a mão em cumprimento mais uma vez a Genézio de Nato e a Zé Ferraz.

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. 1988. *Falas de Astúcia e de Angústia: a seca no imaginário nordestino. De problema à solução (1877 – 1922)*. Dissertação de Mestrado em História. Departamento de História. Universidade de São Paulo.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. 1995. “Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste”. *Revista Brasileira de História*, 28: 111-120.
- ALMEIDA, José Américo de. 1953. *As Sêcas no Nordeste*. Editora: Ministério da Viação e Obras Públicas.
- ANDRADE, Lopes de. 1948 *Introdução à Sociologia das Secas*. Rio de Janeiro: A Noite.
- CALLADO, Antonio. 1960. *Os industriais das secas e os "galileus" de Pernambuco*. Aspectos da luta pela reforma agrária no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CASTRO, Josué de. 1984. *Geografia da Fome*. Rio de Janeiro: Editora Antares.
- COELHO, J. 1985. *A Seca do Nordeste e a Indústria das Secas*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes.
- CUNNIFF, R. L. 1975. “The birth of the drought industry: Imperial and provincial responde to the Great Drought in northeast Brazil”. In: *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, 4(1 e 2).

ANGÉ, Olivia; BERLINER, David (ed.). 2021. *Ecological Nostalgias: memory, affect and creativity in times of ecological upheavals*. New York and Oxford: Berghahn Books.

BERGSON, Henri. 1999 [1939]. *Matéria e Memória*. São Paulo: Martins Fontes.

BERLINER, David. 2005. “The abuses of memory: reflexions on the memory boom in anthropology”. In: *Anthropological Quarterly*, 78: 197-211.

BOSI, Ecléa. 1995. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Cia das Letras.

MARQUES, Ana Claudia. 2002. *Intrigas e Questões: vingança de família e tramas sociais no sertão de Pernambuco*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: UFRJ, Núcleo de Antropologia da Política.

MARQUES, Ana Claudia. 2013. “Founders, ancestors and enemies. Memory, family, time and space in the Pernambuco Sertão”. *JRAI*, 19(4): 716-733.

MARQUES, Ana Claudia. 2014. “Considerações familiares ou sobre os frutos do pomar e da caatinga”. *R@U (Revista de Antropologia da UFSCar)*, 6(2): 119-129.

PEREIRA, Renan M. 2017. *Rastros e Memórias: etnografia dos vaqueiros do sertão (Floresta – PE)*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Departamento de Ciências Sociais. Universidade Federal de São Carlos.

PEREIRA, Renan M. 2020. “O sertão, a seca e o fim”. In: VILLELA, Jorge; VIEIRA, Suzane (org.). *Insurgências, ecologias dissidentes e antropologia modal*. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária.

ROSE, Deborah Bird. 2012. “Multispecies knots of ethical time”. In: *Environmental Philosophy*, 9(1):127-140.

TEIXEIRA, Jorge L. 2019. *Caçando na mata branca*. Conhecimento, movimento e ética no sertão cearense. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

VASQUES, Ariane. 2016. *As veredas do bode*. Criação na solta e laboro no sertão de Pernambuco. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Departamento de Ciências Sociais. Universidade Federal de São Carlos.

VILLELA, Jorge Mattar. 2004. *O povo em armas: violência e política no sertão de Pernambuco*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

VILLELA, Jorge Mattar. “Família como grupo? Política como agrupamento?”. *Revista de Antropologia*, 52:201-246, 2009.

VILLELA, Jorge Mattar. 2015. “Os vivos, os mortos e a política no sertão de Pernambuco”. In: *Revista de História (USP)*, 00: 1-30.

VILLELA, Jorge Mattar. 2020. “Memória e thanasimologia política no sertão de Pernambuco”.
In: *Sociologia e Antropologia*, 10(1).